Os jornais no jornal: o Meia Hora e suas faces

Bruno Souza Leal
Doutor | UFMG
brunosleal@gmail.com

Phellipy Jácome
Mestre | UFMG
phellipy@ufmg.br

Widller Maciel
Bacharel | UFMG
widllerrfm@gmail.com

Resumo

Interessado em discutir a topografia acidentada que compõe a rede textual de um jornal, o artigo propõe uma análise do Meia Hora de Notícias, conhecido nacionalmente pelo tom humorístico e pela utilização peculiar que faz dos recursos verbo-visuais em suas capas. Neste artigo, quatro edições do periódico são analisadas com vistas a um estudo crítico dos diversos elementos de sua verbovisualidade. Numa primeira aproximação, percebe-se que nas páginas e seções internas do jornal não são lançados os mesmos recursos expressivos na construção daquelas narrativas. Isso gera uma inflexão interessante, na medida em que expõe algumas fraturas capazes de revelar vários 'jornais' no interior de um 'mesmo jornal'.

Palavras-chave

Jornalismo, verbo-visualidade, Meia Hora de Notícias

1 Os diários do jornal

Os estudos em jornalismo, como aponta Traquina (1999), frequentemente tem nas notícias, em seus variados aspectos, seu principal tema de reflexão. Com isso, todo um conjunto de processos são pouco explorados, entre eles aqueles que envolvem as mídias informativas, ou, para usar o termo mais frequente, os 'veículos jornalísticos'. Uma visada

menos rígida, nesse sentido, deixa entrever relações peculiares ao mesmo tempo distintas e complementares aos das notícias. É nessa perspectiva que, como afirma Leal (2002), por mais paradoxal que possa parecer, o jornalismo, tido comumente como veiculador das novidades, necessita de uma relação constituída através da familiaridade. Isto é,

> (...) a notícia pressupõe um hábito de consumo, estruturada que é em torno da regularidade em que é posta em circulação. Não há como conceber a atividade jornalística sem levar em conta a periodicidade dos veículos e todo o esforço de manutenção dessa rotina produtiva de textos (LEAL, 2002, p.1).

Para gerar confiança e empatia, portanto, o jornal tem de se mostrar digno delas e isso pressupõe uma relação de intimidade com seus leitores que só é construída ao longo do tempo. É nesse sentido que a narratividade jornalística mobiliza certos pressupostos e modos de constituição de estratégias textuais familiares aos esquemas de real sedimentados numa comunidade interpretativa (LEAL; JÁCOME, 2012). Afinal, como ressalta Leal (2002, p.4), "o jornal, ao se apresentar reconhecível e identificado com um leitor, além de se fazer plausível como objeto comum, torna aceitável seu conteúdo, ou seja, o real por ele veiculado". Por isso a conformação verbo-visual é algo tão importante para dar unidade e tornar identificável o que poderia ser uma coleção dispersa, tanto no interior do veículo (cada notícia em particular, com suas imagens, fontes, etc.) como na sucessão periódica de seus números diários (MOUILLAUD, 1997). É através das marcas de enunciação, que envolvem, por exemplo, a diagramação e um estilo próprio de construção da notícia, que o jornal gera um padrão narrativo que o identifica. O formato do jornal (MOURA, 2013), nesse sentido, serve como uma moldura, um suporte vivo para organização do novo, daquilo que é apurado, do mundo que existe para além das páginas do jornal.

Desse modo, para ser reconhecível e familiar, o jornal tem que deixar bem claro o lugar que cada elemento ocupa em sua textualidade. É nesse sentido que, apesar de não sabermos quais serão as notícias da semana que vem, podemos saber onde estará posicionada a seção de esportes e em que parte do jornal estarão as matérias internacionais. Da mesma maneira, é porque temos familiaridade com o produto que não vamos ler um jornal de segunda-feira na expectativa de que ele traga um caderno que só é veiculado aos domingos. É preciso que o jornal mantenha uma postura regular para continuar sendo digno de confiança. Por isso, quando há qualquer mudança na diagramação, os periódicos impressos (como todas as demais mídias informativas) se preocupam em explicar as

modificações de forma detalhada ao leitor, para instruí-lo a reposicionar novamente sua leitura, mantendo a natureza familiar.

Nesse sentido, o jornal, enquanto materialidade concreta e simbólica, não deve ser entendido como uma mera justaposição de elementos ou como um texto acabado. Ao contrário, é um lugar discursivo (LANDOWSKI, 1992) cuja produção de sentido é intermediada pela sua verbo-visualidade. Trata-se de perceber, como postula Moura (2013), a emergência do discurso por meio do 'formato' textual jornalístico, em que a 'forma' representa um invólucro sensível, o contorno aparente que delimita o lugar da experiência (MOURA, 2013). O formato funciona, nesse sentido, como uma proposta interpretativa, que garante unidade aos planos argumentativos e seus recursos retórico/verbais e estético/visuais. Assim, de um módulo informativo a outro, passamos por inúmeros planos, verticais, horizontais, etc.; mais decisivamente passamos por uma materialidade simbólica. Como aponta Moura (2010, p. 118), "o jornal, portanto, é produzido a partir da síntese das heterogeneidades verbo-visuais experimentadas no seu formato" e "constrói-se como dispositivo produtor de um tipo de discurso que traz as marcas de suas características técnicas, institucionais, cognitivas, textuais, as quais o tornam familiar aos seus leitores habituais e à comunidade hermenêutica em sentido *lato*" (ibidem, p.129).

O uso do termo 'textualidade' aqui certamente não é gratuito. Tal como Abril (2007), advoga-se uma noção ampliada de texto que considera a articulação da linguagem verbal com outras (com a visual, por exemplo) e entre fragmentos ou unidades que podem estar aparentemente dispersas e constituindo uma rede (ou um 'arquipélago', como diz Abril (2007), como as notícias distribuídas num página de jornal. Assim, o reconhecimento de um conjunto de signos articulados como 'um texto' parte da relação que uma materialidade simbólica estabelece com um leitor/espectador/receptor. O termo 'textualidade', portanto, apreende as formas textuais como um processo comunicativo, necessariamente dinâmico e relacional. Assim, no interior da textualidade de um periódico, estamos em permanente contato com diversas estratégias textuais que propõem, por sua vez, uma série de relações de sentido e propostas interpretativas. Não lemos a capa de um jornal da mesma forma que as erratas. Do mesmo modo, o editorial nos convoca outras posições de leitura, diferentes da leitura de uma nota ou da carta dos leitores. Não é razoável pensar que a seção cultural tende a ser mais amena do que a policial? Nesse sentido, como lidar com esse conjunto

heterogêneo que compõe uma unidade e propõe uma identidade? Como conceber essas várias paisagens dentro de um único espaço? Seria esse espaço, o jornal, ele mesmo 'único'?

Essas perguntas compõem o horizonte da reflexão apresentada aqui e que desenvolve uma apreensão de um jornal específico, o Meia Hora de Notícias, do Rio de Janeiro, editado pela Ejesa – Empresa Jornalística Econômico S.A. Um fenômeno que certamente tem chamado a atenção no cenário atual do jornalismo brasileiro é o crescimento do número de jornais populares que, em muitos casos, possuem tiragem igual ou mesmo superior às publicações tidas como as de referência. Títulos como o SuperNotícias, de Belo Horizonte - que concorre diretamente com a Folha de S. Paulo como o jornal mais vendido do pais - o Diário Gaúcho, o Agora São Paulo, o Meia Hora de Notícias carioca e o Aqui, publicado pelos Diários Associados em diferentes Unidades da Federação, são alguns dos nomes mais conhecidos nesse cenário. Todos eles comungam algumas características peculiares, como o formato tabloide, o baixo preço da edição, as capas chamativas e o conteúdo editorial marcado pela combinação de noticiário de serviço, entretenimento e local, com um variável acento nas notícias de crime e drama humano. No entanto, essas regularidades não impedem que se reconheçam as características peculiares de cada um deles, de modo a evitar apreensões excessivamente homogeneizadoras e mesmo redutoras, como as que vinculam o jornalismo popular ao sensacionalismo (AMARAL, 2006; BARBOSA; ENNE, 2005).

Nesse sentido, este artigo explora exatamente a diversidade constitutiva de um desses jornais populares, no caso, o carioca Meia Hora. Conhecido pela utilização jocosa e burlesca dos recursos verbo-visuais, com uso frequente de duplo sentido, o Meia Hora de Notícias se destaca, entre os jornais populares brasileiros, exatamente por estampar diariamente em suas capas, de modo regular, manchetes com expressões, imagens e recursos gráficos que propõem variados efeitos de humor aos leitores. Chamadas como "Macumbeira da sogra faz homem perder o pinto e ganhar periquita" e "Presa babá safadinha que dava de mamar a bebezão de 14 anos" já apareceram na primeira página do periódico que circula na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Segundo o Instituto de Verificação de Circulação, o Meia Hora vendeu em média pouco mais de 118 mil exemplares por dia em 2012, tendo a 10ª maior circulação entre os jornais diários brasileiros. Tendo como *slogan* "Nunca foi tão fácil ler jornal", o Meia Hora tem diariamente entre 32 e 44 páginas. Boa parte do jornal é ocupada por suas três editorias principais, que, além disso, geram mais manchetes na capa:

Esportes, Polícia e Geral. As primeiras páginas do Meia Hora são disponibilizadas no site e na página oficial do periódico no *Facebook*, além de outros sítios na internet, que repercutem espontaneamente essas capas. Objeto de admiração e publicidade, as capas foram, por muito tempo, o único elemento desse tabloide carioca que podia ser visualizado na web.

Desse modo, o que pretendemos com este artigo é problematizar e analisar algumas estratégias de construção textual que envolvem distintos 'lugares', 'regiões' do jornal, que podem ser reveladoras de uma topografia jornalística acidentada, sugerindo a existência de uma tensão na rede textual do periódico, em que um mesmo jornal pode abrigar outros jornais. Para viabilizarmos essa reflexão, propomos um passeio pela textualidade verbo-visual (ABRIL, 2007) do Meia Hora, na tentativa de perceber essas nuances. Desse modo, analisaremos alguns caminhos propostos pelo próprio jornal, das manchetes de sua capa às narrativas que lhe são internas, de modo a observar tanto as características presentes nas páginas Um e seu possível contraste com as notícias a que fazem referência e apresentadas nas páginas interiores. Esta reflexão tem como referência quatro edições do Meia Hora, três delas de dias úteis – de segunda-feira, 9 de abril de 2012, a quarta-feira, 11 de abril de 2012 – e uma do final de semana – sábado, 14 de abril de 2012. Procuramos escolher edições de dias comuns, justamente para tentar ver os elementos gráficos, imagéticos e verbais que normalmente estão contidos no jornal. Essas quatro edições são abordadas aqui como índices de uma regularidade observada a partir do acompanhamento do Meia Hora ao longo do primeiro semestre de 2012.

2 Meia Hora e sua textualidade

Ao analisarmos em conjunto os elementos gráficos, imagéticos e verbais da capa do Meia Hora do dia 9 de abril de 2012, segunda-feira, percebemos que as imagens dos jogadores de futebol Loco Abreu e Lionel Messi e de uma mulher em pose e trajes sensuais estão deslocadas dos seus contextos originais, sugerindo uma leitura articulada dessas fotos na disposição em que se encontram na capa. Enquanto que a modelo interpela os leitores pelo seu olhar, Messi parece observar as nádegas da mulher, o que pode sugerir que o semblante sorridente do atleta seja motivado pela beleza dessa parte da modelo. Já a imagem de Loco Abreu parece sugerir que o jogador de futebol esteja fazendo o sinal com o

dedo polegar da mão direita levantado para a modelo em pose e trajes sensuais, como se o atleta estivesse indicando a sua aprovação em relação à mulher.



Figura 1: Primeira Página da edição de 9 de abril de 2012

A manchete principal, que ocupa a maior área da primeira página do Meia Hora do dia 9 de abril de 2012, é "Maria chuteira revela: 'Messi é bem dotado'". A manchete está contida em um *box*, totalmente preenchido pela imagem da mulher, que está em pose e trajes sensuais e que foi fotografada à frente de uma planta. Na parte de cima do *box*, há um chapéu com os dizeres "Com a bola cheia". A chamada está sobreposta à imagem que preenche o *box*, quase totalmente no lado ocupado pela planta na foto. Abaixo da manchete e ainda sobreposta à imagem contida no *box*, tem-se a fotografia do rosto do jogador de futebol Lionel Messi, além do bigode do título, que diz: "Modelo que passou uma noite com o craque abre o jogo e conta que de pulga o argentino não tem nada". Da mesma forma, o

nome próprio 'Messi' e os termos 'craque' e 'argentino' fazem referência ao atleta que está na outra imagem pertencente à chamada. A articulação entre tais itens imagéticos e verbais, que estão sobrepostos uns aos outros, parece estabelecer uma ligação entre a figura do jogador de futebol e da modelo apresentados na manchete. Já os elementos verbais 'revela', 'abre o jogo' e 'conta' oferecem à matéria destacada na chamada um caráter confidencial, como se a informação relatada na notícia fosse secreta até o momento em que os receptores lessem tal edição do periódico. Por fim, o chapéu "Com a bola cheia", que geralmente diz respeito ao universo semântico do futebol e de outros esportes, tem o seu sentido influenciado, no contexto onde está incluído, pelos termos "bem dotado" e "de pulga o argentino não tem nada", que podem se referir a um relacionamento afetivo-sexual, fazendo com que tais expressões se baseiem no duplo sentido entre os planos de significação pelos quais elas transitam.

A essa manchete corresponde uma notícia localizada na página 32. Pertencente à coluna 'Babado', a matéria está contida em um *box* na parte superior esquerda da página. Na parte de cima do *box*, tem-se mais uma imagem da mesma mulher que estampa a chamada na capa, novamente em pose e trajes sensuais, sobreposta pelo título "Gata enche a bola de Messi", em um fundo negro que aparece na foto. Abaixo da imagem, encontra-se o corpo do texto da matéria. Nessa notícia, percebemos algumas recorrências em relação às estratégias das quais o impresso se vale na sua capa. Entre elas, podemos citar o uso de expressões de duplo sentido, comumente relacionadas ao universo semântico dos esportes e que estão em um contexto de relacionamento afetivo-sexual, como "enche a bola" (no título) e "foi uma partida que nenhum de nós vai esquecer", sendo esta extraída de uma declaração da modelo. Além disso, o tom confidencial observado na chamada de primeira página permanece na matéria, como se o Meia Hora estivesse contando uma "fofoca ao pé do ouvido" para o seu leitor. Essa característica é evidenciada pela utilização dos elementos verbais "revelou detalhes sobre a intimidade" e "as revelações não param por aí".


GATA ENCHE A BOLA DE MESSI

● O jogador Messi é "bem dotado e cavalheiro". A declaração é da argentina Xoana González. Em entrevista à revista masculina espanhola *Primera Linea*, a modelo revelou detalhes sobre a intimidade do craque do Barcelona e garantiu ele não faz jus ao apelido de Pulga. "Eu diria que ele segue a lei do L", brincou. A gata afirmou ainda que a noite que passou junto com o argentino foi inesquecível. "Ele é tímido, mas quando ganha confiança, levanta voo", contou Xoana, que acrescentou: "Estivemos três horas juntos e foi uma partida que nenhum de nós vai esquecer". E as revelações não pararam por aí. "Ele estava todo depilado, não tinha nem um pelinho. Parece um bebê", elogiou a bela.

Figura 2: Matéria da página 32 da edição de 9 de abril de 2012

No entanto, apesar dessas recorrências, a narrativa da notícia, composta basicamente por declarações da modelo reproduzidas de uma revista masculina espanhola, não foge em linhas gerais de tom comumente encontrado em matérias similares em diferentes mídias informativas. A principal mudança, em relação à capa, é da fonte enunciadora das expressões mais coloquiais e de duplo sentido. Enquanto que na primeira página essa fala é assumida pelo jornal, no corpo do texto é quase totalmente delegada à modelo. Assim, ainda que aparentemente a chamada de capa e a matéria mantenham o mesmo tom, essa mudança de enunciador é decisiva. Ao se 'esconder' por detrás das falas da modelo, o Meia Hora adota um mecanismo de citação típico de outros jornais impressos e, com isso, um modo de dizer distanciado e a princípio menos comprometedor.

Já a manchete principal da capa do jornal Meia Hora de 10 de abril de 2012, terça-feira, tem o título "Espírito da avó salva o ex-*BBB* Alemão em acidente". Essa chamada está contida em *box*, somada a uma grande imagem do rosto de Diego Alemão, ex-participante do *reality show Big Brother Brasil*, e a um bigode, com os dizeres "'Nasci de novo. Ela chegou lá em cima me cuidando', disse Diego, que capotou a caminho do velório de Dona Elza". Na parte de cima do *box*, há uma faixa com o chapéu do título, que diz "Carro ficou todo

destruído".Na chamada de capa em questão, o chapéu, o título e o bigode são elementos verbais que parecem se encaixar com a fotografia de Alemão, na qual ele demonstra um semblante sério, para configurar o sentido de gravidade do acidente sofrido pelo ex-*BBB*. A imagem em close do rosto de Alemão acentua seu olhar, que se dirige ao leitor, como que o interpelando.



Figura 3: Capa do Meia Hora de 10 de abril de 2012

Essa manchete do dia 10 de abril de 2012 remete a uma notícia na página 29, que pertence à seção 'Celebridades'. Essa matéria interna tem o título "'Nasci de novo'", o chapéu "A caminho de velório", e um bigode com os dizeres "Alemão sofre acidente e diz ter sido protegido pela avó". A matéria também tem um *box*, localizado ao lado esquerdo do cabeçalho da seção 'Celebridades', no qual está contida a nota "Alemão elogiou o trabalho

dos bombeiros que o atenderam. 'São anjos do asfalto mesmo', disse". O corpo do texto dessa notícia está dividido em três partes, separadas uma das outras por fios delimitadores. Ao lado direito do corpo da matéria, encontram-se duas imagens: a que está em cima mostra o carro de Alemão capotado; já a que está em baixo exibe o ex-participante do *Big Brother Brasil* com um semblante aparentemente preocupado. Ao lado direito da foto localizada na parte inferior da notícia, aparece a legenda de ambas as imagens.



ALEMÃO ELOGIOU O TRABALHO DOS BOMBEIROS QUE O ATENDERAM. 'SÃO ANJOS DO ASFALTO MESMO', DISSE

TERÇA-FEIRA, 10/4/2012 • MEIA HORA 29

CELEBRIDADES

A CAMINHO DE VELÓRIO

'Nasci de novo'

Alemão sofre acidente e diz ter sido protegido pela avó

Diego Alemão passou por um susto em meio a um momento de muita tristeza, na noite de domingo, em São Paulo. O ex-BBB capotou com o carro na Rodovia Fernão Dias, em direção a Atibaia, interior do estado, quando estava a caminho do velório da sua avó.

No Twitter, o apresentador disse que está bem e que recebeu a proteção da avó no acidente. "Nasci de novo ontem (domingo) à noite. Minha avó chegou lá em cima me cuidando. Deus abençoe a todos nós", escreveu.

Em entrevista ao site *G1*, o campeão do *Big Brother Brasil 7* contou que estava na comemoração do aniversário da sua namorada, Vivian Steinhoff, na capital paulista, quando soube da morte da sua avó Elza, de 87 anos. "Peguei o carro de um amigo emprestado e fui para Atibaia", explicou.

Na estrada, ao desviar de uma carreta que estava à sua frente, Alemão sofreu o acidente. "Chovia bastante e uma carreta perdeu o controle na minha frente. Eu desviei da carreta para não entrar debaixo dela e perdi o controle, primeiro da traseira, tentei consertar e perdi da frente, passou no acostamento e virei num barranco. O carro capotou três vezes", contou ele ao site *O Fuxico*.

Alemão não teve ferimentos graves. Ele chegou a ser socorrido por equipe de resgate da rodovia, mas preferiu não ir para o hospital e seguir para o velório da avó. "Hoje (ontem) eu jogué terra em cima da minha avó. Foi difícil ver a dor da minha mãe. Eu estou machucado por causa do acidente, sim, mas nada grave. Minha mão está machucada, minha perna esquerda tem alguns hematomas, tenho dor no corpo, mas estou bem. Ainda não fui ao hospital porque passei a noite em claro no velório e, perto do que vi hoje, isso não é nada", desabafou ele a *O Fuxico*.

Alemão estava a caminho do velório da avó quando perdeu o controle do carro e capotou três vezes na estrada. Ele não teve ferimentos graves e passa bem. 'Minha avó chegou lá em cima me cuidando', afirmou

Figura 4: Página 29 de 11 de abril de 2012

O corpo da matéria em questão possui um tom sóbrio para relatar em detalhes os acontecimentos que culminaram no acidente, sem a utilização de elementos verbais coloquiais ou expressões que podem configurar um efeito de humor entre os leitores. Assim, o texto noticioso parece se articular com o *box* localizado na parte superior esquerda da página, com o chapéu, o título e o bigode da matéria, e também com as fotos e a legenda delas para constituir um sentido de seriedade do acontecimento noticiado na matéria.

Na primeira página do Meia Hora do dia 11 de abril de 2012, quarta-feira, as imagens de suas diferentes chamadas podem se encaixar umas com as outras, sugerindo efeitos semânticos distintos daqueles que possivelmente seriam percebidos nos contextos originais de tais elementos visuais. A foto de uma mulher em pose e trajes sensuais, localizada ao lado esquerdo da capa, parece sugerir um sentido de beleza e de juventude em relação à imagem

de uma idosa com tabletes de droga adesivados pelo corpo, ao lado direito da primeira página. Já o item imagético no qual o jogador de futebol Vagner Love está com um semblante sorridente, na parte inferior direita da capa, pode sugerir que o atleta esteja com essa expressão facial por causa da mulher em pose e trajes sensuais, pois o olhar de Love parece estar direcionado para a dançarina do programa de TV 'Pânico na Band', que estampa a foto que ocupa grande parte do lado esquerdo da primeira página.



Figura 5: Capa do Meia Hora de 11 de abril de 2012

A manchete principal da capa do jornal Meia Hora de 11 de abril de 2012 tem o título "Bisavó da erva roda cheia de maconha". Já o bigode da chamada diz "Pra que essa barriga tão grande? É pra carregar a droga! Mas a polícia chegou antes do Lobo Mau e abocanhou a idosa de 94 anos". O *box* que contém a manchete possui uma foto da idosa que carregava

tabletes de maconha pelo corpo. Na parte de cima da chamada, há uma faixa, com o chapéu "Colou os tabletes pelo corpo todo". Já na parte inferior esquerda do *box*, tem-se o mesmo recurso gráfico visto na primeira página anteriormente analisada, com os dizeres "Que isso, velhinha, que isso?!". Nessa chamada, o elemento verbal 'roda' é utilizado de forma coloquial, sendo articulado com a prisão da personagem principal da chamada no contexto em que está inserido. Já o bigode da manchete possui relação com uma passagem da historia de 'Chapeuzinho Vermelho', especialmente da sequência em que, ao se deparar com a figura do Lobo Mau fingindo ser sua avó na casa dela, a menina começa a fazer perguntas sobre o grande tamanho das partes do corpo de sua suposta parenta. Esse famoso diálogo entre Chapeuzinho e o Lobo é revisitada pela chamada de primeira página do Meia Hora, que parece fazer um jogo semântico entre a avó da personagem da literatura infanto-juvenil e a idosa apreendida com maconha pelo corpo, podendo causar um efeito de humor no âmbito do leitorado. A 'intertextualidade' presente no bigode da manchete de capa do periódico também pode ser vista em outro elemento da chamada. Dentro do recurso gráfico que se assemelha a um balão de fala das histórias em quadrinhos, há o item textual "Que isso, velhinha, que isso?!", resultado de uma junção entre o diminutivo 'velhinha' e o trecho de um *funk*, popular no Rio de Janeiro, que diz "que isso, novinha, que isso?". Dessa maneira, temos novamente o uso de uma expressão intertextual, que pode se encaixar com o chapéu, o título, o bigode e a foto da manchete para causar um efeito de humor entre os receptores.

A chamada principal da capa do Meia Hora de 11 de abril de 2012 remete a uma matéria da página 27, que pertence à seção 'Mundo e tecnologia'. Essa notícia interna possui o título "Vovó de 94 anos presa com droga". Essa matéria contém o chapéu "Toda cocota!", e um bigode, com os dizeres "Velhinha tentou entrar nos EUA cheia de maconha". Nessa notícia, há uma imagem da idosa que foi presa com tabletes de maconha pelo corpo, acompanhada da legenda "Agentes encontram a maconha presa ao corpo da velhinha". No início do corpo do texto noticioso, tem-se o lugar de onde vêm as informações da matéria – "Arizona, Estados Unidos". A notícia ainda conta com uma retranca, com o título 'Grupo internacional'. Na matéria em questão, há a utilização do termo coloquial 'cocota' em seu chapéu, que aparentemente se refere ao descaramento da idosa ao adesivar droga por todo o seu corpo, o que pode causar um efeito de humor entre os leitores. Já os elementos verbais 'Vovó de 94 anos' e 'Velhinha' parecem querer constituir o sentido de uma pessoa com idade avançada, que causa surpresa ao ser presa na tentativa de entrar nos Estados Unidos com

droga. Essas significações parecem ser reforçadas no início da matéria, que possui um tom mais descontraído, e também pelo encaixe entre o chapéu, o título e o bigode da notícia com a imagem da idosa presa. Inclusive, na segunda frase da notícia, o período textual "Uma velhinha de 94 anos (isso mesmo!) foi presa em flagrante com maconha" parece demonstrar a imprevisibilidade do acontecimento na opinião do jornal. É importante notar, porém, que, após esse início mais leve, a narrativa da notícia se apresenta sóbria e sem trocadilhos ou expressões de duplo sentido.



● TODA COCOTA!

Vovó de 94 anos presa com droga

Velhinha tentou entrar nos EUA cheia de maconha

ARIZONA, ESTADOS UNIDOS

Quando a gente pensa que os traficantes de drogas já aprontaram de tudo, eles se superam. Uma velhinha de 94 anos (isso mesmo!) foi presa em flagrante com maconha tentando cruzar a fronteira entre México e Estados Unidos. A droga estava toda adesivada ao corpo da idosa.

Agentes americanos da cidade fronteiriça de Nogales, no Arizona, desconfiaram da mexicana e a levaram para uma inspeção. Em uma sala reservada, os policiais encontraram cinco quilos de maconha distribuídos em tabletes e colados nas pernas, abdômen, costas e nádegas da velhinha gringa.

Após a revista, a idosa, que não teve o nome revelado, foi entregue ao Departamento de Imigração dos Estados Unidos. De acordo com os policiais, a droga está avaliada em cerca de R$ 9.500 reais.

Grupo internacional

A polícia investiga se a idosa foi enganada por traficantes de drogas internacionais e obrigada a atravessar a droga para o outro país ou se a velhinha, no alto de seus 94 anos, integra o bando criminoso e se aproveita da idade avançada para tentar ludibriar as autoridades policiais.

Os investigadores norte-americanos também não souberam informar se a idosa tem parentes no Estados Unidos ou se ela ficaria hospedada em algum hotel.

REPRODUÇÃO

Agentes encontram a maconha presa ao corpo da velhinha

Figura 6: Matéria da página 27 de 11 de abril de 2012

Se considerarmos a capa do Meia Hora do dia 14 de abril de 2012, sábado, em sua totalidade, observamos que as imagens que integram as suas diferentes chamadas são deslocadas dos seus respectivos contextos originais para configurar efeitos de sentido ao se articular com os demais elementos imagéticos da capa. Em uma das fotos, o atleta Ronaldinho Gaúcho está com o dedo indicador da mão direita levantado no contexto de uma partida de futebol, mas a imagem é resignificada através do seu encaixe com o título de primeira página "Quem tá fora da Liberta levanta o dedo!". Por sua vez, os itens visuais nos quais os jogadores Fred, do Fluminense, e Juninho Pernambucano, do Vasco, aparecem com um semblante sorridente, podem se articular com a foto de Ronaldinho, somada ao título da manchete, constituindo o sentido da alegria das torcidas dos outros times do futebol carioca com a eliminação do Flamengo na Libertadores. Esse efeito semântico pode ser reforçado pela legenda da foto de Ronaldinho, que diz "Torcedores rivais não perdoam e passam o dia debochando do mico do Fla de Ronaldinho". No entanto, tais significações podem mudar caso as fotos dos atletas de Flamengo, Fluminense e Vasco sejam relacionadas com os outros elementos imagéticos presentes na mesma capa. Ronaldinho Gaúcho parece estar com o dedo indicador da mão direita levantado para pedir uma empada ou uma coxinha, cujas imagens se localizam na parte inferior esquerda da primeira página. Enquanto isso, os itens visuais nos quais Fred e Juninho Pernambucano estão com uma expressão facial sorridente podem sugerir que ambos os jogadores estejam com esse semblante por causa do fato de que Ronaldinho está pedindo salgados recheados com carne humana.



Figura 7: Capa do Meia Hora de 14 de abril de 2012

A chamada principal da primeira página do jornal Meia Hora de 14 de abril de 2012 possui o título "Canibais vendiam empada e coxinha de carne humana", contido em um *box*. Além do título e do seu respectivo bigode, que diz "Os três monstros recheavam os salgadinhos com pedaços das coxas e nádegas de suas vítimas", tal chamada também tem as imagens de uma empada e de uma coxinha. Na parte de cima do *box*, há uma faixa, que possui o chapéu da manchete, com os dizeres "Cardápio macabro".

Nessa manchete, os elementos verbais 'macabro', 'Canibais' e 'monstros' podem se encaixar para configurar um sentido de gravidade do crime noticiado em tal chamada. Nesse caso, ao se valer de tais expressões, o Meia Hora se posiciona explicitamente em relação ao caso destacado na manchete de capa, como se o jornal utilizasse a voz própria que tem para qualificar o delito como 'macabro', e os criminosos como 'Canibais' e 'monstros'. Tais leituras possíveis do chapéu, do título e do bigode da chamada podem ser reforçadas pelas imagens da empada e da coxinha, que apesar de serem as fotos de salgados quaisquer, são

resignificadas no contexto em que estão incluídas para representar visualmente as empadas e as coxinhas que eram recheadas com carne humana.

Outra manchete da primeira página do jornal Meia Hora de 14 de abril de 2012 tem o título "Quem tá fora da Liberta levanta o dedo!". A chamada se encontra em um *box*, cuja parte de cima está ocupada por uma faixa, que possui a denominação do caderno de 'Esportes'. Além do título e da faixa, esse *box* contém – não por acaso - três fotos: em duas delas, os jogadores de futebol Fred, do Fluminense, e Juninho Pernambucano, do Vasco, aparecem com um semblante sorridente; na outra, Ronaldinho Gaúcho, então atleta do Flamengo, levanta o dedo indicador da mão direita. Sobreposta à imagem de Ronaldinho, há a legenda "Torcedores rivais não perdoam e passam o dia debochando do mico do Fla de Ronaldinho". Além das nuances de semantização ressaltadas anteriormente, a chamada também se vale da versão coloquial do verbo 'está', o termo 'tá', da abreviação 'Liberta', como informalmente os torcedores brasileiros se referem ao torneio internacional Libertadores da América, e da terminologia Fla, como o Flamengo é popularmente conhecido. O ponto de exclamação no final do título da manchete de primeira página parece reforçar o sentido que este item verbal pode adquirir ao se encaixar com os demais elementos da chamada.

A manchete principal da primeira página do Meia Hora de 14 de abril de 2012 corresponde a uma notícia na página 6, pertencente à editoria de 'Polícia'. Essa matéria interna tem o título "Recheio nada gostoso". Enquanto que o chapéu da matéria é "Macabro!", o bigode da notícia diz "Canibal presa em Pernambuco confessa que preparava empadinhas e coxinhas com restos de carne humana e saía vendendo pela cidade". Somada a esses elementos verbais, integra a matéria uma imagem das três pessoas presas, acusadas de venderem salgados recheados com carne humana, com a legenda "Bruna (E), Jorge e Isabel dizem que canibalismo era para purificação". Tal notícia também tem uma retranca, que se localiza dentro de um *box*, com o título "Mulherada era o alvo do trio". Assim como o corpo da matéria, o texto dessa retranca também está dividido por um fio delimitador. Enquanto que o conjunto formado pelo chapéu, título e bigode dessa notícia parece possuir um tom mais denuncista em relação ao acontecimento relatado, o corpo da matéria e da retranca são marcados pela sobriedade da narrativa. Desse modo, a tríade formada pelo chapéu, título e bigode parece dialogar com a chamada correspondente a tal notícia na capa,

que também aparenta ter uma nuance de denúncia, como se esses elementos verbais da matéria fossem o elo articulador entre a manchete e o corpo do texto nas páginas internas. O encaixe entre tais itens verbais que compõem a chamada de primeira página e a matéria pode sugerir um sentido de gravidade do crime destacado na notícia. Aliado a isso, o uso do ponto de exclamação no chapéu da matéria parece reforçar essa significação, como se o Meia Hora estivesse explicitando o seu posicionamento em relação ao acontecimento noticiado, qualificando-o de "Macabro!". Já a utilização da retranca parece querer destacar a informação de que somente mulheres eram vítimas dos suspeitos de praticarem canibalismo. Nessa retranca, observa-se ainda o item verbal 'mulherada', que alude a uma generalidade de mulheres, e que é usado coloquialmente.



● MACABRO!

Recheio nada gostoso

Canibal presa em Pernambuco confessa que preparava empadinhas e coxinhas com restos de carne humana e saía vendendo pela cidade

Um dos três presos na última quarta-feira acusadas de praticar canibalismo em Garanhuns, que fica a 230 quilômetros do Recife (PE), rechearia empadas e coxinhas com carne humana e as vendia nas ruas da cidade. Em entrevista ao site Uol, o delegado Wesley Fernandes, responsável pelo inquérito que investiga a seita e os supostos crimes praticados pelos seus integrantes, afirma que pelo menos três mortes em rituais macabros são atribuídos aos acusados.

Segundo o delegado, a vendedora dos salgadinhos com carne humana era Isabel Cristina Pires da Silveira, de 51 anos. Ela confessou em depoimento que colocava restos das vítimas — retirados das coxas e das nádegas dos cadáveres — nas 'quitutes' vendidos pela cidade. "Uma pequena quantidade de carne desse ritual que o trio realizava servia para rechear essas empadas. Ela era vendedora ambulante conhecida aqui na cidade, vendia em bares e restaurantes, circulando pelas ruas. Com certeza muita gente comeu empada vendida por ela", disse o delegado ao Uol.

Também foram presos Jorge Beltrão Negromonte da Silveira, de 50 anos, e Bruna Cristina Oliveira da Silva, 25. Eles são acusados do assassinato de duas mulheres em Garanhuns e outro ocorrido em Olinda, na Região Metropolitana do Recife, em 2008.

Os canibais comiam a carne porque acreditavam que isso era um ritual de purificação. Parte da carne era servida a uma criança de 5 anos que morava com o trio e seria filha de uma das vítimas. "Tratava-se de um mesmo ritual em que eles matavam a vítima com arma branca, drenavam o sangue do cadáver, esquartejavam o corpo, comiam uma parte da carne e enterravam os demais pedaços", detalhou o delegado Wesley na entrevista ao Uol.

Bruna (F), Jorge e Isabel dizem que canibalismo era para purificação

Mulherada era o alvo do trio

● Ao site Uol, Wesley Fernandes revelou que as vítimas do grupo eram sempre mulheres, já que elas teriam "úteros malditos que geravam filhos". "Eles faziam igual carne de boi: esfriavam na geladeira, desfiavam e comiam. Segundo depoimento, a carne durava quatro dias até o consumo total", contou o delegado.

As vítimas eram atraídas por falsas promessas de emprego. A quarta mulher que seria morta pelos canibais já tinha até data para ser executada.

Figura 8: Página 06 de 14 de abril de 2012

3 Considerações

Ao empreendermos o esforço de analisar a textualidade de capas e matérias do jornal carioca Meia Hora de Notícias, percebemos alguns aspectos recorrentes nas capas das edições às quais nos aproximamos neste trabalho. Um deles é a utilização de expressões coloquiais e informais nas manchetes de primeira página. Assim, o periódico parece querer

se aproximar dos modos de falar dos seus leitores no cotidiano, como se esse impresso se posicionasse como um sujeito que está em uma roda de conversa com os amigos. Por sua vez, o uso de figuras de retórica que se fundamentam no duplo sentido, como é o caso do trocadilho, do qual esse jornal se valeu em uma das capas aqui analisadas, oferece novos universos de significação para os elementos verbais e visuais da primeira página, estabelecendo chaves de interpretação concorrentes para a mesma chamada de capa. Dessa maneira, o sentido pretendido pelo periódico poderá ser compreendido se os receptores reconhecerem as articulações entre os itens gráficos, imagéticos e verbais que estão em um mesmo contexto.

Em sua primeira página, o Meia Hora habitualmente utiliza recursos gráficos semelhantes aos encontrados nas histórias em quadrinhos para destacar a voz própria que o jornal possui para opinar sobre os acontecimentos do mundo, despindo-se, nesse caso, das estratégias usadas para apagar o posicionamento da publicação. Além disso, percebemos que a relação intertextual dos elementos verbais e visuais do periódico com fragmentos de textos extraídos de outros universos de referência, como a literatura, a música e a televisão, parece ser usada na capa do impresso para causar um efeito de humor e de aproximação com os leitores. As imagens localizadas nas capas do Meia Hora frequentemente são deslocadas dos seus respectivos contextos originais para, recontextualizadas no espaço da página do jornal, sugerirem variados efeitos de sentido, através da sua articulação com os demais itens gráficos, imagéticos e verbais ali presentes.

Desse modo, é como se a capa se apresentasse como um texto único, resultado das relações propostas entre esses elementos, numa composição em que a voz do Meia Hora, supostamente consonante com a dos seus leitores, se manifesta claramente. Nesse momento, as capas apresentam simultaneamente dois conjuntos de acontecimentos: por um lado, aqueles extraídos da vida cotidiana e que compõem os itens de cada chamada; por outro, a identidade do dispositivo jornal e a relação de proximidade que ele propõe com seus interlocutores. Esse acontecimento segundo, discursivo e semiótico, caracteriza o esforço do buscar a familiaridade e o reconhecimento dos seus leitores, de modo a facilitar a leitura e a interpretação dos eventos reportados.

Da mesma forma que a capa, as matérias que se localizam nas páginas internas do Meia Hora também se valem de termos coloquiais. Aliás, esse não é o único aspecto percebido na primeira página desse jornal que se repete no seu conteúdo interno. A relação

de intertextualidade que alguns dos elementos verbais e visuais mantêm com fragmentos de textos retirados de outros universos de referência é mais uma estratégia vista tanto na capa quanto nas páginas internas da publicação. No entanto, nas páginas internas da publicação, os termos coloquiais, as expressões de duplo sentido e os trechos de itens textuais extraídos de letras de músicas ou programas televisuais podem ser vistos fundamentalmente em alguns chapéus, títulos e bigodes das matérias, e também no início do corpo do texto de algumas notícias, e não na tessitura das notícias. Assim, esses elementos verbais atuam nas páginas internas como se fossem o elo articulador, um momento de passagem, entre a informalidade do periódico na capa e a sobriedade das narrativas contidas no miolo do veículo.

Pode-se perceber, então, uma diferença entre as estratégias argumentativas da primeira página e aquelas observadas nas seções internas do Meia Hora. A capa é claramente mais descontraída, por meio da utilização de expressões coloquiais e de duplo sentido, de recursos gráficos que destacam a opinião do jornal e de fragmentos de textos retirados de outros universos de referência. Por sua vez, o miolo do jornal tem um tom mais austero para narrar em detalhes os acontecimentos cotidianos do contexto social onde a mídia jornalística está inserida. Até mesmo as páginas internas do impresso apresentam estratégias verbais e visuais bem diferentes entre si. É como se o Meia Hora, então, se apresentasse como dois jornais distintos: um na capa, difundido nacionalmente, outro nas páginas interiores, de acesso regional, localizado. Um desses periódicos, mais bem humorado, localiza-se na primeira página, e também nos chapéus, títulos, bigodes e no começo das notícias internas. O outro, mais sóbrio, encontra-se no corpo dos textos contidos no miolo do impresso. Esses aspectos plurais constantemente contribuem para tecer uma identidade do jornal, que é, dessa maneira, fraturada, multifacetada e complexa. Essa multiplicidade identitária parece ser comum a quaisquer mídias jornalísticas, que podem ser comparadas a colchas de retalhos, nas quais pedaços de tecidos com diferentes estampas e texturas são costurados uns com os outros de modo a formar um todo legível em seu conjunto, mas também em suas partes.

Assim, por um lado, essa dupla face (capa e miolo) do Meia Hora pode ser entendida como o espelhamento de uma característica comum aos jornais diários e outras publicações, qual seja, a constituição da primeira página como um lugar específico, com características peculiares em relação ao restante do periódico. No entanto, o que se observa no Meia Hora é

de uma intensidade peculiar, já que a capa não se apresenta apenas como um 'guia' para o conteúdo interno e que ela se oferece a um consumo e uma circulação independentes. Por outro lado, essa clivagem é um forte indício da complexidade identitária dos jornais impressos. Menos que simples 'veículos' de notícias, eles materializam relações próprias, distintas daquelas reconhecíveis no âmbito das notícias. Nos termos estabelecidos por Mouillaud (1997), 'jornal' e notícia constituem dispositivos distintos e complementares, que se moldam mutuamente. Como tal, os jornais desenvolvem distintos níveis de relacionamento consigo e com seus interlocutores (ANTUNES; VAZ, 2006), apresentando-se como 'sujeitos' (LANDOWSKI, 1992; LEAL; CARVALHO, 2012) dotados de identidades não raro tensionadas e fraturadas.

Referências

ABRIL, G. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Síntesis, 2007.

AMARAL, M. F.. Autorreferência na imprensa: Jornalismo "de primeira" e de "segunda classe". In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 2, 2010.

_____. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANTUNES, E. VAZ, P. Mídia: um halo, um aro, um elo. In: FRANÇA, V. & GUIMARÃES, C. (org.). **Narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-60.

BARBOSA, M. Jornalismo popular e sensacionalismo. In: **Revista Verso e Reverso**. São Leopoldo: Unisinos, n. 39, jan. 2005.

BARBOSA, M. ENNE, A. L.. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. In: **Revista ECO-PÓS**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 8, n. 2, 2005.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LEAL, B. S. **A produção da familiaridade e o pacto de leitura jornalístico**. Salvador: Intercom, 2002.

LEAL, B. S. JÁCOME, P. **Outros agentes na comunidade interpretativa do jornalismo**. Anais do 10° Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, SBPJOR: Curitiba, 2012.

LEAL, B. S. CARVALHO, C. A.. **Jornalismo e homofobia no Brasil**: mapeamento e reflexões. São Paulo: Intermeios, 2012.

MOUILLAUD, M. **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: UnB, 1997.

MOURA, M. B. **Por uma teoria do formato jornalístico**: reflexões sobre o jornal como sujeito semiótico. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010, 317 f.

MOURA, M.B. Reflexões sobre o formato jornalístico. LEAL, B.S. CARVALHO, C. (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas**. São Paulo: Intermeios, 2013, p.67-86.

The newspapers within a newspaper: *Meia Hora* and its faces

Abstract
Interested in discussing the accidental textual topography of a newspaper, the article proposes an analysis of the journal Meia Hora de Notícias, nationally known for humorous tone and the peculiar use it makes of the verb-visual resources on their front-pages. In this paper, four editions of the newspaper are analyzed in a critical study of the many elements of its verb-visuality. In a first approximation, we can see the pages and sections within the journal are not necessarily built with the the same expressive resources. This generates an interesting inflection, because it exposes some fractures that could reveal various 'newspapers' in the 'same paper'.

Keywords
Journalism, verb-visuality, Meia Hora de Notícias

Los diarios en el diario: Meia Hora y sus facetas

Resumen
Interesado en discutir la topografía accidentada que compone la red textual de un periódico, el artículo propone un análisis del diario Meia Hora de Notícias, conocido nacionalmente por el tono humorístico y el uso peculiar que hace de los recursos verbo-visuales en sus tapas. En este artículo, cuatro ediciones del periódico son analizadas en un estudio crítico de los diversos elementos de su verbo-visualidad. En una primera aproximación, podemos percibir que las páginas y secciones internas del diario no son construidas necesariamente a partir de los mismos recursos expresivos. Esto genera una inflexión interesante, ya que expone algunas fracturas que pueden revelar varios 'periódicos' dentro de un 'mismo periódico'.

Palabras-clave
Periodismo, verbo-visualidad, Meia Hora de Notícias

Recebido em 15/08/2013
Aceito em 24/10/2013